

# **Modelo de teste perceptual das nasais do *talian* como recurso para a compreensão do português brasileiro de áreas colonizadas por descendentes de italianos**

*Perceptual test model of talian nasal as a resource for understanding brazilian portuguese in areas colonized by italian descendants*

Antonio Luiz GUBERT\*  
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar um modelo de teste perceptual de identificação das vogais nasais do *talian* como recurso para a compreensão do posicionamento dos usuários sobre os falares presentes em localidades colonizadas por descendentes de italianos. Com o uso do software TP, dez informantes foram submetidos aos testes de percepção, avaliando estímulos com características do *talian* ou não marcados. Os resultados mostraram uma avaliação negativa aos estímulos com características do *talian*, pronúncia estigmatizada na localidade, enquanto que as formas não marcadas receberam boas avaliações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teste de percepção. Nasais. *Talian*.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to present a perceptual test model for the identification of talian nasal vowels as a resource for understanding the positioning of users on the speeches present in locations colonized by Italian descendants. Using the TP software, ten informants were subjected to perception tests, evaluating stimuli with *talian* characteristics or unmarked. The results showed a negative evaluation of stimuli with *talian* characteristics, stigmatized pronunciation in the locality, while the unmarked forms received good evaluations.

**KEYWORDS:** Perception test. Nasal. *Talian*.

---

\* Professor da área de Letras no Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Xanxerê. E-mail: antoniogubert@gmail.com

## Sobre o estudo

O objetivo deste estudo é desenvolver um modelo aplicável de teste perceptual de identificação para falantes do português brasileiro do Oeste de Santa Catarina, com a finalidade de verificar o posicionamento dos cidadãos com relação ao seu dialeto e em que grau a língua dos antepassados colonizadores ainda influencia e caracteriza a língua em uso.

Para tanto, serão utilizados três trabalhos como base: Seara (2000), sobre as nasais do Português Brasileiro, Sandes (2010), sobre dificuldades na produção de aproximantes e nasais, e Gubert (2012), sobre as nasais em Vargeão (SC), uma das cidades do Oeste de Santa Catarina.

O modelo perceptual de teste desejado foi desenhado para estudantes com idade entre 15 e 18 anos, do Ensino Médio, considerados parte de uma geração tecnológica e, portanto, menos sujeitos às influências da língua dos antepassados; também, por esses sujeitos terem pouco ou nenhum contato com falantes monolíngues ou bilíngues plenos ou também pelos fatores de recusa da identidade, já que o *talian* é considerado por muitos como língua feia, de gente velha, típica de quem tem pouco estudo e residente na zona rural<sup>1</sup>.

### 1. A comunidade de fala

A imigração dos europeus para as terras brasileiras se deu em maior proporção na segunda metade do século XIX e no início do século XX. A necessidade do progresso ou fatores políticos, como guerras, foram os motivos principais que levaram italianos, alemães, espanhóis, poloneses, portugueses, a deixarem seus países e procurarem as terras de um país que os acolhesse e desse as oportunidades de crescimento que necessitavam.

O cenário brasileiro da época proporcionava o acolhimento dos imigrantes. No

---

<sup>1</sup> Conforme depoimentos colhidos por Gubert (2012).

Brasil, já havia um desejo de substituição da mão de obra escrava pela de trabalhadores europeus assalariados, numa estratégia que visava, além de reduzir o número de negros e mulatos, “branqueando” o país (IANNI, 1979, p. 12), à elevação da economia, através do agregamento de técnicas. Na Itália, país mais relevante para nosso estudo, a situação da emigração da população rural era quase que necessária, uma vez que o país passava por grandes necessidades e não havia terras o suficiente para as famílias, nem tampouco empregos nas cidades.

Na Itália, os camponeses recebiam terras para trabalhar mediante a entrega de uma terça parte ou mesmo da metade do que colhiam aos proprietários delas. Essas terras eram chamadas de *campi* e compreendiam à área de 1 hectare. Cada família recebia um só *campo*, espaço que, mesmo fértil, revelava-se insuficiente para retirar dele todo o sustento de que uma família precisava. (BUSANELLO, 1999, p. 8)

Os imigrantes pobres rumavam, em número incalculável, para outros países, principalmente de além-mar (DE BONI; COSTA, 1984, p. 53). No Brasil, se assentaram principalmente nas lavouras de café de São Paulo e Espírito Santo e, no Sul do país, inicialmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Como a região Sul do Brasil ainda não estava totalmente explorada, já que não havia gente o suficiente para isso, muitos dos imigrantes italianos que aqui chegaram se tornaram os proprietários das terras, principalmente terras da encosta superior Norte gaúcha ou borda do Planalto Sul, já que as outras terras já haviam sido ocupadas pelos alemães, que haviam chegado anteriormente. Não demorou muito para que as terras ocupadas pelos imigrantes e seus descendentes se tornassem escassas, porque as famílias eram muito numerosas ou as terras ocupadas não eram tão férteis. Com isso, muitos descendentes se deslocaram em busca de novas terras, estendendo-se a ocupação, no Rio Grande do Sul, até o Rio Uruguai e Região Nordeste e, em seguida, o Centro-Oeste de Santa Catarina, Sudoeste<sup>2</sup> e Oeste do Paraná<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. Margotti (2004, p. 36).

De acordo com Luzzato (1994):

Dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Ádige, do Friuli-Venezia Giulia, isto é, do Tri-Vêneto, e da Lombardia. Desses imigrantes, 60% possuíam a língua e cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vêneto. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina de Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenome, de um lado, e de outra lombarda, de Bêrgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor. Evidentemente, era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma *coiné*, muito mais vêneta que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois vêneta era a maioria. (LUZZATO, 1994, p. 21-23)

Entende-se uma *coiné* como a fusão de dois grupos linguísticos representativos, no caso o vêneto e o lombardo, no Sul do Brasil tem origem o *talian* ou *coiné vêneta* (italiano-brasileiro ou vêneto-brasileiro<sup>4</sup>). Como os vênetos eram maioria, seu dialeto e costumes prevaleceram sobre os demais tipos (lombardos, friulanos, etc.). Dessa forma, esse dialeto modificado, fruto do contato com outros dialetos, deu origem ao *talian*, uma espécie de língua de comunicação, com características de língua oral.

Com o contato dos imigrantes com falantes de língua portuguesa, houve uma perda do monolinguismo da língua de origem. Além disso, os imigrantes tiveram de aprender a língua portuguesa, em início como segunda língua, depois passando ao bilinguismo. A sucessão de transformações linguísticas acaba por desfavorecer o uso do *talian*. Hoje em dia, são poucos os falantes bilíngues e numerosos os falantes que apenas inserem, durante um discurso em sua língua materna, alguns itens lexicais do *talian*, os chamados falantes *inseridores*<sup>5</sup>.

Durante a Era Vargas, entre 1930 e 1945, houve a proibição dos falares estrangeiros, uma vez que se buscava a todo custo uma "nacionalização" um tanto quanto nazifascista,

---

<sup>3</sup> Cf. Von Borstel (2004, p. 70).

<sup>4</sup> Ambos os conceitos são encontrados em Margotti (2004, p. 38-39)

<sup>5</sup> Cf. Cristófar-Silva (1988).

através da implementação de políticas de valorização de um estereótipo tido pelo governante como ideal, assim feito nos Estados Unidos e posteriormente por Hitler na Alemanha (TRENTO, 2006, p. 21)

Segundo Trento (2006), o modelo nacionalista getuliano teve fortes impactos sobre a língua dos imigrantes, que foram forçados a falar a língua oficial do Brasil e esquecer seu idioma de origem. Os que resistiam em falar o idioma estrangeiro eram severamente punidos, com detenções ou castigos físicos.

Deste modo, o *talian* foi deixando de fazer parte das situações comunicativas dos habitantes do Oeste de Santa Catarina; contudo, algumas heranças desta *coiné* ainda se fazem presentes na língua local.

Como os sistemas fonológicos do *talian* e do português são diferentes, os descendentes teriam dificuldades em produzir alguns sons típicos de outras variedades do PB, como os ditongos nasais finais, as vogais nasais, os róticos distintivos (no *talian* só há o tepe como rótico). O sistema fonológico do *talian* influenciaria no do PB, caracterizando assim a língua local e distinguindo-a de outras realizações no Brasil.

## 2. Os fenômenos linguísticos em questão

Uma característica marcante do *sotacon* é a não produção do [ẽ] pelos falantes de cidades colonizadas por descendentes de italianos.

Para entender essa variação de pronúncia, necessita-se analisar o processo articulatorio envolvido na produção do [a] e do [ẽ]). Quando a realização da vogal [a] no português ocorrer antes das consoantes nasais [m], [n], [ɲ], a produção deste segmento tende a ocorrer como posterior, média-baixa, meio-aberta, gerando a vogal nasal [ẽ]. Para a produção, há um estreitamento dos articuladores, em menor ou maior grau, resultado do abaixamento do véu palatino para a pronúncia da consoante nasal que vem a seguir. A produção da vogal nasal se faz com menor abertura da cavidade bucal, o que gera um som mais elevado e mais posterior do que o [a]. Contudo, o que pode ocorrer, nos dados dos falantes da comunidade linguística em estudo, é que a vogal [ẽ], mesmo diante do contexto de nasalização, seja pronunciada como a vogal cardeal [a], uma anterior, baixa e aberta.

Importante lembrar que a nasalidade do segmento em estudo pode ser distintiva (de natureza fonológica) ou não distintiva (de natureza fonética). Por exemplo, para ['kẽtẽ] 'canta' e ['kɛtɛ] 'cata', a nasalidade é distintiva, enquanto que para ['kẽmẽ] 'cama', não é.

O que pode causar a variação na pronúncia do [a] diante de consoante nasal e do [ẽ] na comunidade de fala é a não existência de uma regra fonológica nos dialetos italianos que leve ao fechamento da vogal [a], ao contrário do que ocorre PB.

Como não existe no sistema dialetal italiano uma regra fonológica que leve à nasalização e ao fechamento da vogal [a], o ítalo-brasileiro tem dificuldade em perceber essa variação. Por isso, nos contextos em que é esperada a nasalização do [a] e, conseqüentemente, o fechamento, os ítalo-brasileiros tendem a variar o uso. (MARGOTTI, 2004, p. 17)

A não aplicação de uma regra de nasalização nos dialetos italianos para a vogal [a], aplicada no PB do local, faria com que os falantes do local produzissem segmentos como [sa'lẽme] ~ [sa'lame] para 'salame' ou algo como em ['sẽ<sup>na</sup>tẽ] ~ ['sẽtẽ] para 'santa'. Nossa tarefa será a de investigar, qual/quais pronúncias os falantes reconhecem como típicas da região, caracterizando sua identidade linguística. Serão testadas pronúncias da vogal [a] diante de consoante nasal, como em *cama*, ou quando a vogal é nasal, como em *manta*. Contudo, pelas limitações do estudo, não será levada em conta a tonicidade dos segmentos nos vocábulos (se ocupam posição átona ou tônica).

O estudo de Gubert (2012) com 24 informantes da cidade de Vargeão apontou para o uso da vogal anterior, baixa, aberta [a] diante de consoante nasal, ao contrário do uso da nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ], sendo favorecido quando a vogal ocupa posição átona e quando o falante tem idade superior a 45 anos. Os falantes mais escolarizados, com ensino fundamental completo ou ensino médio, do sexo masculino e mais jovens, tendem a utilizar mais a nasal posterior, média-baixa, meio-aberta [ẽ] do que a vogal anterior, baixa, aberta [a]. Os resultados confirmaram a hipótese inicial de que as formas mais características do *talian* se perdem ao passar dos tempos e as pronúncias típicas do PB tendem a se sobressair.

### 3. O desenho do teste

Traçada a contextualização do tema, agora resta propor um modelo de teste de percepção que pudesse ser utilizado para analisar os segmentos em questão, as nasais. A ideia é um experimento que teste o posicionamento dos falantes com relação a sua própria língua, reconhecendo estruturas que considerarem como típicas de seu dialeto e, portanto, da sua identidade linguística, e refutando outras estruturas que lhe soarem diferentes. Com este estudo, é possível contribuir com a descrição da língua local e para os estudos nas áreas de Sociolinguística e Fonologia (Percepção).

Inicialmente, buscou-se no estudo de Sandes (2010) o aporte teórico que seria utilizado para desenvolver o experimento. Contudo, a autora utiliza na pesquisa a produção e percepção para a língua estrangeira (no caso, o Espanhol), não sendo condizente com esta proposta de pesquisa, que tem como foco a língua materna. De todo modo, Sandes faz considerações importantes para o estudo na área de percepção, citando autores da área, como Polivanov e a Teoria da Surdez Fonológica (1931), Trubetzkoy e a Teoria do Crivo Fonológico (1939), Renard e o Método Verbo-tonal (2002), sendo os três autores estruturalistas. Os modelos com base estruturalista partem da interferência do sistema fonológico da língua materna, contudo, Polivanov (1931) e Trubetzkoy (1939) não realizaram experimentos para corroborar suas teorias. Como autores pós-gerativistas, cita Flege e o modelo de Aprendizagem da Fala (1981), Best e o Modelo de Assimilação Perceptiva (1995), Kuhl e Iverson e o Modelo do Ímã da Língua Materna (1995) e Major e o Modelo da Ontogenia e Filogeia (2001). Destas teorias abordadas, quiçá as que fazem mais sentido ao estudo sejam as de Flege (1981), Best (1995) e Kuhl e Iverson (1995). As maiores contribuições de Flege (1981) para este trabalho são com relação ao conceito de categorias. O conceito parte do pressuposto que sons diferentes ocupam categorias diferentes e, portanto, o falante saberia distingui-los. Flege também assume que a percepção precede e condiciona a produção.

Best (1995) também fala de categorias, tendo como base as semelhanças nos gestos articulatórios realizados durante a produção. O nível maior ou menor de assimilação perceptiva influencia diretamente na capacidade de perceber determinados contrastes.

Kuhl e Iverson (1995) apontam um problema nos protótipos de sons. Se o estudante se deparar a sons semelhantes aos já existentes como categoria na língua materna, poderia interpretá-los na mesma categoria existente, simplificando-os.

As três teorias se apoiam na experiência do falante que, de maneira natural, interpreta os elementos da realidade segundo seu conhecimento de mundo.

Também citados por Sandes (2010), Llisteri et. al. (1995)<sup>6</sup> e Rochet (1995)<sup>7</sup> afirmam que há uma pressão social que exige uma produção adequada e que o falante que não a fizer assume socialmente as consequências comunicativas de uma produção inadequada.

Avaliando, então, a possibilidade da existência de uma pressão social por uma pronúncia menos estereotipada e estigmatizada, é de se investigar se os falantes que seriam pesquisados neste estudo reconhecem a pronúncia como sendo de sua comunidade linguística, avaliando o seu próprio falar com relação aos outros falares encontrados na sociedade, positivamente ou negativamente.

Para o modelo de teste, foram buscadas referências na obra de Seara (2000). A autora não faz uma abordagem das teorias sobre percepção, dando maior atenção para as teorias na área da fonética para a descrição dos segmentos estudados. Será utilizado o trabalho da autora apenas como base estrutural para o teste, adaptando as quantidades, os estímulos, etc., segundo as necessidades deste estudo.

Os participantes pesquisados foram 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, para testar variação social de sexo. A idade dos participantes foi entre 16 e 18 anos, neste caso, não testando variação social de idade. Como escolaridade, foram investigados os informantes que estudam no Ensino Médio, residentes na cidade de Xanxerê ou cidades cercanas. Não foram testadas variações em escolaridade e espaço geográfico. Os informantes precisam ter residido sempre na região de nascimento, o Oeste de Santa Catarina, para garantir que não sejam influenciados pela convivência com outros dialetos

---

<sup>6</sup> LLISTERI, J. et. al. La percepción del acento léxico en español. In *Filología y lingüística*. Madrid: CSIC - UNED - Universidad de Valladolid, 2005. p. 271-290.

<sup>7</sup> ROCHET, B. L. Perception and production of second-language speech sounds by adults. In: *Speech Perception and Linguistic Experience: Issues in Cross-Language Research*. ed. Strange W. Baltimore: York Press, 1995. p. 379-410.



que tenham por base outra língua que não o *talian*. Não foram utilizados descendentes de alemães, indígenas, haitianos, venezuelanos, nesta pesquisa.

A amostra para a composição do teste foi composta de palavras reais, gravadas previamente, com vozes femininas, de informantes residentes na cidade de Xanxerê (SC), em que os segmentos eram pronunciados de maneira distinta, ora com as características do dialeto em questão ora com características não marcadas – contudo, todas as ocorrências utilizadas eram do português brasileiro da região. Os segmentos em estudo ocupam tanto a posição átona como tônica nas palavras, não sendo testada se esta posição também influencia na percepção.

Os testes foram rodados no Programa TP Worken, um aplicativo *freeware* obtido livremente na internet e desenvolvido por Rauber, Kluge e Santos (2009).

**Figura 1: Interface do Programa TP Worken**



Fonte: Rauber, Kluge e Santos (2009).

Cada participante ouviu o estímulo sonoro por uma vez, com possibilidade de duas repetições (portanto, ouviu no máximo três vezes). Foram utilizadas seis perguntas, duas de cada um dos três desenhos:

1. A pronúncia que você ouviu é: a) correta b) incorreta c) não sei;
2. A pronúncia faz parte do seu dialeto? a) sim b) não c) não sei;

3. Você acha que a pronúncia ouvida é natural ou artificial?

**Quadro 1: Escala de avaliação**

+ natural	1	2	3	4	5	- natural
- artificial	+ natural	+/- natural	neutra	+/- artificial	+ artificial	+ artificial

Fonte: o autor

#### **4. Aplicação e resultados**

Depois da etapa de configuração do software pelo administrador/professor, o teste foi rodado com os participantes, os quais usaram fones de ouvido com isolamento acústico para ouvir os estímulos. Não houve problemas com a utilização do ambiente virtual, tampouco com a compreensão das instruções.

A pergunta 1 teve como estímulo o segmento ['bẽ.ɲɐ], com pronúncia típica do *talian*, e foram obtidas como respostas oito afirmativas que a pronúncia é “correta” e duas afirmativas como “incorreta”.

**Tabela 1: Percepções sobre o estímulo [ 'bẽ.ɲẽ ]**

<b>Estímulo: [ 'bẽ.ɲẽ ]</b>				
<b>Sexo</b>	<b>Informante</b>	<b>A pronúncia é:</b>		
		<b>Correta</b>	<b>Incorreta</b>	<b>Não sei</b>
<b>Fem.</b>	1		X	
	2	X		
	3	X		
	4	X		
	5	X		
<b>Total 1</b>		<b>4</b>	<b>1</b>	<b>0</b>
<b>Masc.</b>	6		X	
	7	X		
	8	X		
	9	X		
	10	X		
<b>Total 2</b>		<b>4</b>	<b>1</b>	<b>0</b>
<b>Total geral</b>		<b>8</b>	<b>2</b>	<b>0</b>

Fonte: o autor

Mesmo com as duas respostas negativas, o resultado pode ser considerado como favorável, em um primeiro momento, à percepção das características fonéticas do *talian* para a língua local. Houve distribuição regular dos dados entre ambos os sexos dos informantes.

A pergunta 2, com o estímulo [ĩ.fẽ.sjẽ], sem marcas características do *talian*, teve como resultado a totalidade de respostas como pronúncia “correta”, o que indica que a língua aparentemente menos marcada é provavelmente tida como a língua ideal da localidade.

Tabela 2: Percepções sobre o estímulo [ĩ.fẽ.sjɛ]

Estímulo: [ĩ.fẽ.sjɛ]				
Sexo	Informante	A pronúncia é:		
		Correta	Incorreta	Não sei
Fem.	1	x		
	2	x		
	3	x		
	4	x		
	5	x		
<b>Total 1</b>		<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Masc.	6	x		
	7	x		
	8	x		
	9	x		
	10	x		
<b>Total 2</b>		<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total geral</b>		<b>10</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Fonte: o autor

Se comparado com o resultado para a pergunta 1, é possível afirmar que a diferença entre ambos é importante; contudo, ainda são necessárias outras análises, mais dados, para ratificar a afirmação da predominância da língua menos marcada.

Nas perguntas 3 e 4, os informantes foram questionados se “a pronúncia [do estímulo] faz parte do seu dialeto”. Com o primeiro estímulo, [kɪ.ẽ.sɛ]), foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 3: Percepções sobre o estímulo [k.ɪ.ẽ.sɛ]

Estímulo: [k.ɪ.ẽ.sɛ]				
Sexo	Informante	A pronúncia faz parte do seu dialeto?		
		Sim	Não	Não sei
Fem.	1	X		
	2		x	
	3		x	
	4	x		
	5	x		
<b>Total 1</b>		<b>3</b>	<b>2</b>	<b>0</b>
Masc.	6	x		
	7		x	
	8		x	
	9		x	
	10		x	
<b>Total 2</b>		<b>1</b>	<b>4</b>	<b>0</b>
<b>Total geral</b>		<b>4</b>	<b>6</b>	<b>0</b>

Fonte: o autor

Apesar de a diferença proporcional não ser tão alta (40% a 60%), o resultado aponta para um movimento de recusa das pronúncias típicas do *talian*, considerando-as como não caracterizadoras da língua local. Essa afirmação é confirmada pelas respostas obtidas na pergunta 4:

Tabela 4: Percepções sobre o estímulo [lẽ.'b.ɪ.ẽ.dɔ]

Estímulo: [lẽ.'b.ɪ.ẽ.dɔ]				
Sexo	Informante	A pronúncia faz parte do seu dialeto?		
		Sim	Não	Não sei
Fem.	1	x		

	2		x	
	3	x		
	4		x	
	5	x		
<b>Total 1</b>		<b>3</b>	<b>2</b>	<b>0</b>
<b>Masc.</b>	6	x		
	7	x		
	8	x		
	9	x		
	10	x		
<b>Total 2</b>		<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total geral</b>		<b>8</b>	<b>2</b>	<b>0</b>

Fonte: o autor

Houve clara preferência pela pronúncia menos marcada em detrimento da pronúncia com traços fonéticos típicos do *talian*, como a abertura da vogal nasal. Esse é mais um indicativo de como os informantes percebem a língua da região: preferência pelas formas menos marcadas, menos estigmatizadas.

Ainda, nas respostas das perguntas 3 e 4, houve significativa diferença na variável *sexo*, apontando para uma maior tendência masculina em avaliar a fonética do *talian* como a diferente, como a não típica da língua da localidade.

Nas perguntas 5 e 6, foi solicitado aos informantes que avaliassem o par de estímulos e indicassem, em um *continuum*, se a pronúncia soava como + natural, +/- natural, neutra, +/- artificial ou + artificial. Os resultados obtidos para a pergunta 5, com o estímulo [ˈmɐ.mɐ]<sup>8</sup> foram os seguintes:

<sup>8</sup> O estímulo [ˈmɐ.mɐ] foi utilizado pela semelhança com o vocábulo “mama” – em português, parte do corpo. No contexto do áudio original, o significado era de mãe (mamma), palavra típica do *talian* e de seus usuários.

Tabela 5: Percepções sobre o estímulo ['mɐ.mɐ]

Estímulo: ['mɐ.mɐ]						
Sexo	Informante	Você acha que a pronúncia ouvida é:				
		+ natural	+/- natural	neutra	+/- artificial	+ artificial
Fem.	1		x			
	2				x	
	3	X				
	4	X				
	5				x	
<b>Total 1</b>		<b>2</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>
Masc.	6	X				
	7	X				
	8	X				
	9				x	
	10				x	
<b>Total 2</b>		<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>
<b>Total geral</b>		<b>5</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>4</b>	<b>0</b>

Fonte: o autor

Os informantes avaliaram positivamente a pronúncia, apontando-a como +natural (50% das ocorrências). Somando com a única resposta +/- natural, o total aumenta para 60%, indicando percepção positiva sobre a pronúncia.

Entretanto, não se pode desconsiderar a quantidade significativa de informantes que indicaram a pronúncia como +/- artificial. Apesar de ser menos que o resultado para *natural*, é fundamental que seja considerado todo o conjunto das respostas, o que indica que a pronúncia dos segmentos típicos do *talian* é bastante estigmatizada. Inclusive, pelas respostas da questão 6, com estímulo ['kwẽ.du], sem marcas do *talian*, a afirmação sobre a língua estigmatizada se evidencia:

Tabela 6: Percepções sobre o estímulo ['kwẽ.do]

Estímulo: ['kwẽ.do]						
Sexo	Informante	Você acha que a pronúncia ouvida é:				
		+	+/-	neutra	+/-	+
		natural	natural		artificial	artificial
Fem.	1		x			
	2		x			
	3		x			
	4	X				
	5	X				
<b>Total 1</b>		<b>2</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Masc.	6	X				
	7		x			
	8			x		
	9		x			
	10	X				
<b>Total 2</b>		<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>Total geral</b>		<b>4</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

Fonte: o autor

No total geral, 40% dos informantes afirma que a pronúncia sem marcas do *talian* soa como natural e 50% com +/- natural. Somando-se os resultados, ambos positivos, tem-se 90% de dados indicando que os falantes percebem a pronúncia como natural, típica da língua local. Apenas um informante respondeu como sendo uma pronúncia neutra, o que não traz significativa interferência no resultado geral. Não houve importante distinção nas respostas de ambos os sexos.

Os resultados deste estudo, então, corroboram o afirmado por Gubert (2012), que os traços característicos do *talian* estão cada vez menos presentes na língua da localidade, e as formas menos marcadas, menos estigmatizadas, tendem a se sobressair.



## Considerações finais

Com este estudo, foi possível levantar dados de como os falantes da região se sentem com relação ao seu próprio idioma e se a identidade linguística assumida corresponde com as constatações fonéticas descritas para o *talian* e o dialeto da região.

Os resultados apontaram para uma negação das características fonéticas do *talian*, em um movimento de desaparecimento das marcas linguísticas dos colonizadores e uma tendência a considerar formas menos estigmatizadas, menos marcadas, como sendo as caracterizadoras do idioma local.

Outras pesquisas podem ser feitas para testar as variáveis linguísticas não abordadas neste estudo, assim como testes para verificar outros segmentos, como os róticos. Assim, esta proposta de um modelo para uma pesquisa na área de percepção para os dialetos influenciados pelo *talian* apenas é somente um recorte de um estudo maior, mais completo.

## REFERÊNCIAS

BEST, C. T. A direct realist view of a cross language speech perception. In.: STRANGE, W. *Speech perception and linguistic experience*. Theoretical and methodological issues in a cross language speech research. Timonium, M. D. York Press Inc., p. 171-206, 1995.

BUSANELLO, P. J. *A história da nossa gente*. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1999.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Linguistic Change or Language Death?* manuscrito. Trabalho aceito para ser apresentado no 12th International Congress of Ethnological and Anthropological Sciences in Zagreb. 1988

DE BONI, L. A.; COSTA, R. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Rio-grandense, 1984.

FLEGE, J.E. *The phonological basis of foreign accent: a hypothesis*. *Tesol Quaterly*, n. 15, v. 4, 9. 443-455, 1981.

GUBERT, A. L. Curitiba: UFPR, 2012. *Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético*. . Curitiba: UFPR, 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras.

IANNI, O. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1979. p. 11-28.

KUHL, P. K; IVERSON, P. Linguistic experience and the “Perceptual magnet effect”. In.: STRANGE, W. *Speech perception and linguistic experience*. Theoretical and methodological issues in a cross language speech research. Timonium, M. D. York Press Inc., p. 121-154, 1995.

LUZZATTO, D. L. *Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, história, cultura*. Porto Alegre: Sagra: 1994.

MAJOR, R. *Foreign Accent: the ontogeny and phylogeny of a second language phonology*. Mahwah, N.J. Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

MARGOTTI, F. W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.

POLIVANOV, E. D. A percepção dos sons de uma língua estrangeira. In: TOLEDO, D. (org.) *Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1931/1978.

RAUBER, A. S.; R. A.; KLUGE, D. C.; SANTOS, G. R. dos. *TP: Testes/ Treinamentos de Percepção* [software]. Disponível em: . Acessado em: 5 fev. 2020.

RENARD, R. *Apprentissage d'une langue étrangère/seconde 2. La phonétique verbo-tonale*. Bruselas: DE Boeck Université, 2002.

SANDES, E. I. A. *Análise das dificuldades dos estudantes brasileiros de E/LE na percepção e produção de sons aproximantes e nasais em língua espanhola*. São Paulo: USP, 2010. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispanoamericana.

SEARA, I. C. *Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro*. Florianópolis: UFSC, 2000. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

TRENTO, L. *A posteriorização /õw/ na alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ na fala de informantes bilíngues de terceira idade do município de Treze de Maio (SC) – evocação da tradição ítalo brasileira*. Tubarão: Unisul, 2006. Dissertação de mestrado.

TRUBETZKOY, N. S. *Princípios de fonologia*. Madri: Cincel, 1939/1973.

VON BORSTEL, C. N. *Contato linguístico e variação em duas comunidades bilíngues do Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. Tese de Doutorado.